



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**PROCESSOS DE INOVAÇÕES LEXICAIS NO KAINGANG EM CONSEQUÊNCIA
DO CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Fabiana Alencar da Silva

Rio de Janeiro

2017

FABIANA ALENCAR DA SILVA

PROCESSOS DE INOVAÇÕES LEXICAIS NO KAINGANG EM CONSEQUÊNCIA
DO CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em Letras na habilitação
Português e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Doutor Gean Nunes Damulakis

Rio de Janeiro

2017

CIP - Catalogação na Publicação

A586p Alencar da Silva, Fabiana
Processos de inovações lexicais no Kaingang em
consequência do contato com o Português Brasileiro
/ Fabiana Alencar da Silva. -- Rio de Janeiro, 2017.
33 f.

Orientador: Gean Nunes Damulakis.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciada em Letras: Português -
Literaturas, 2017.

1. Línguas em contato. 2. Inovações lexicais. 3.
Língua Kaingang. 4. Empréstimos linguísticos. 5.
Tronco Macro-Jê. I. Nunes Damulakis, Gean, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por toda sabedoria e força, além de trazer oportunidades inesperadas que recebi ao longo da graduação.

Dedico este trabalho aos meus pais, José Alvanir e Cida; às minhas irmãs, Luciana, Juliana e Tatiana e aos meus cunhados (irmãos), Samuel e Thiago. Vocês são fundamentais na minha vida. Obrigada por me apoiarem na escolha da profissão e por me incentivarem sempre a querer ser uma pessoa melhor, temente a Deus e dedicada aos estudos. Ouvir de vocês que sou o orgulho da família é o meu maior presente.

Também agradeço ao meu professor e orientador, Gean Damulakis, pela confiança, encorajamento e pelas oportunidades que tem me dado para aprofundar na pesquisa. Obrigada pela paciência e pelos conselhos. Torço para que a nossa pesquisa com o Kaingang avance cada vez mais. Gostaria também de agradecer às professoras Marcia Dâmaso e Beatriz Protti Christino por me incentivarem a fazer iniciação científica com línguas indígenas.

Agradeço de todo o coração aos meus amigos incríveis que tive o prazer de conhecer na Faculdade de Letras. Em especial, agradeço a Lucas Laurentino, Marcelle Benetti, Rodrigo Tiradentes, Kleveland Cristian, Amanda Calazans e Júlia Goulart. Obrigada por todo apoio, carinho e por todas as risadas, muito frequentes, principalmente durante as nossas conversas na hora do almoço que sempre misturamos um pouco de Literatura com um pouquinho (mais) de Linguística.

Por fim, agradeço à Márcia Nascimento Kaingang, por ter sido a pessoa que possibilitou de ter feito a minha primeira pesquisa de campo na sua aldeia, no Rio Grande do Sul. Além disso, agradeço à dona Suzana por ter nos acolhido durante os dias passados em Nonoai. Especialmente, agradeço também aos Kaingang que contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada. A pesquisa de campo foi uma experiência marcante na minha vida e que só me motivou a querer dar continuidade à pesquisa. Inh mÿ há tĩ!

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo 1: O povo Kaingang	10
1.1. Território e população	10
1.2. Breves apontamentos sobre a cultura Kaingang.....	11
Capítulo 2: Alguns aspectos linguísticos e ortográficos do Kaingang	13
Capítulo 3: Metodologia e coleta de dados	17
Capítulo 4: Contato entre línguas	20
Capítulo 5: Descrição e análise das inovações lexicais no Kaingang	22
5.1. Taxonomia dos <i>loanwords</i>	22
5.1.1 <i>Loanwords</i> adaptados	23
5.1.2 <i>Loanwords</i> não adaptados	24
5.2. Criações endógenas.....	26
5.2.1. Criação por potencial gramatical.....	26
5.2.2. Outros tipos de criação endógena.....	27
Capítulo 6: Análise quantitativa dos dados	29
Considerações finais	31
Referências	32

Introdução

O contato linguístico é um fenômeno que ocorre frequentemente com a maioria das línguas no mundo, proporcionando trocas culturais e recursos que podem influenciar em mudanças linguísticas, como também colaborar para renovação e ampliação do léxico de uma língua. Quando observamos, por exemplo, a história da língua portuguesa, percebemos que muitas línguas desde o latim, o grego, o francês, o árabe, as indígenas, as africanas até o inglês, contribuíram para o seu acervo lexical. No entanto, dependendo do grau de contato entre determinadas línguas e de fatores políticos e socioeconômicos, as mudanças podem ser mais intensas na língua de menor prestígio socioeconômico, transformando-a ao longo de sua história.

No Brasil, o Português é a língua oficial e considerada majoritária, uma vez que é falada como primeira língua pela maior parte da população e também no sentido de maior prestígio social e político. Em contrapartida, estão as línguas indígenas vistas como minorizadas e de menor prestígio, apesar de centenas serem faladas no território. Em geral, o contato é conflituoso entre as línguas indígenas e o Português Brasileiro (PB). Isso acaba promovendo uma relação assimétrica, a qual muitas vezes pode contribuir para a aceleração de mudanças linguísticas, sobretudo, entre comunidades indígenas que apresentam alto grau de bilinguismo. Esse é o caso da língua Kaingang, que é uma das mais de cento e cinquenta línguas indígenas faladas no Brasil. O Kaingang pertence ao grupo restrito do chamado ramo Jê Meridional (RODRIGUES, 1986), sendo um povo localizado em Terras Indígenas nos estados do Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS) e a oeste de São Paulo (SP).

Pensando em relação ao contato entre línguas, uma forma de analisar como ela é estabelecida pode ser a partir do inventário de palavras (e de morfemas) que as línguas possuem, ou seja, a partir do próprio léxico. As transformações histórico-culturais nas quais estão inseridos os falantes fazem com que muitas vezes palavras deixem de ser usadas (ou seja, entrem em desuso) e que outras, em contrapartida, passem a existir. Nesse sentido, o contato entre línguas e culturas é um fator que acompanha essas transformações. Em vista da ampliação lexical em face do contato intercultural e linguístico, dois mecanismos são básicos em toda língua (CARVALHO, 1989: 11): a) um processo interno, por meio de elementos léxico-gramaticais disponíveis na própria língua; e b) um processo de adoção e adaptação de um termo oriundo de outra língua. O último se refere aos

empréstimos linguísticos, enquanto que o primeiro sustenta a nossa proposta de classificação como criação endógena (DAMULAKIS & SILVA, 2017), que são os dois processos linguísticos colocados em foco no presente trabalho.

Com as transformações inerentes aos desdobramentos histórico-culturais das sociedades é gerada a necessidade de criação de novas palavras, proporcionando novos modos de expressão do falante diante do mundo no qual está inserido. Podemos observar a ocorrência de empréstimos culturais advindos de contato entre grupos sociais diversos. Isso ocorre em comunidades bilíngues, em especial entre as comunidades indígenas brasileiras, quando pensamos no contexto plurilíngue no qual os falantes estão inseridos. Situações sociopolíticas podem levar à incorporação, de maior ou menor grau, de itens lexicais originados da língua doadora (LD) para a língua receptora (LR). O Kaingang está inserido nessa realidade linguística em que grande parte dos falantes é bilíngue de Kaingang e PB, proporcionando o surgimento significativo de inovações lexicais, seja na própria língua Kaingang, seja no Português falado pelos Kaingang.

Baseando-nos em considerações de trabalhos anteriores (MESQUITA, 2009; SANTOS, 2014; GONÇALVES, 2007) sobre estudos de línguas em contato, principalmente com análise de dados de línguas indígenas brasileiras, os resultados da nossa pesquisa têm buscado investigar as inovações lexicais no Kaingang, atendendo aos nossos seguintes objetivos gerais:

- 1) Identificar padrões de inovação lexical presentes nas línguas indígenas;
- 2) Identificar quais são os padrões mais recorrentes e os menos recorrentes;
- 3) Munir e instrumentalizar, conscientemente, a escola e as comunidades indígenas desses mecanismos lexicais para contribuir com a manutenção, revitalização e preservação da língua.

Assim como Braggio (1997: 140), consideramos que estudos/pesquisas, como de empréstimos linguísticos, são de grande importância tanto no conhecimento científico da linguagem sobre o tema de contato linguístico, como também contribuem nos estudos “do léxico bilíngue, bilinguismo ‘verdadeiro’ ou grau de bilinguismo, dominância, fluência”. Inclusive, no que diz respeito à educação escolar indígena, estudos como esses dão

subsídios que jamais podem ser deixados de lado quando esta se fundamenta numa abordagem interétnica pluricultural/multilíngüe a qual toma como fator referencial, em vista do seu papel na constituição do indivíduo enquanto tal: do seu pensamento, do seu (in)consciente, do seu estar no mundo e da possibilidade de refletir, agir nesse mundo através de sua(s) língua(s). (BRAGGIO, 1997: 140)

Em vista dos nossos objetivos gerais, temos como objetivos específicos do estudo com a língua Kaingang buscar respostas para tais questões:

- Verificar e discutir a terminologia de empréstimos;
- Analisar os processos linguísticos para a inserção das inovações lexicais (neste caso, os empréstimos e as criações endógenas) no léxico Kaingang;
- Identificar quais campos semânticos são mais suscetíveis à incorporação de inovações lexicais por empréstimos e por criações endógenas;
- Identificar através de um estudo quantitativo as inovações lexicais mais recorrentes entre os falantes, distribuídos por faixas etárias.

Atendendo aos objetivos, o presente trabalho tem como propósito analisar e descrever tipologicamente dois processos de inovações lexicais no Kaingang, decorrentes do contato com o PB, que são: os *loanwords* ou empréstimos lexicais e aquele que estamos denominando como criações endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2017). Os *loanwords*¹ (HASPELMATH, 2009) são um tipo de empréstimo que apresentam pressões linguísticas da LD (neste caso, o PB) sobre a língua LR (Kaingang) que podem sofrer ou não adaptações fonológicas na passagem de uma língua para outra. Em contrapartida, as criações endógenas são resultantes de empréstimos culturais de um grupo com uma língua distinta, mas que não há pressões linguísticas da LD sobre a LR, utilizando-se apenas os recursos linguísticos que a “língua receptora” possui.

O trabalho é fruto de um estudo comparativo sobre empréstimos linguísticos oriundos do PB nas pesquisas de Mesquita (2009) com a língua Xerente e de Santos (2014) com a língua Krahô, ambas pertencentes à família Jê (RODRIGUES, 1986). Também como fundamentação teórica, utilizamos a análise tipológica presente no trabalho de

¹ Apesar de Haspelmath (2009) considerar que os empréstimos lexicais (*lexical borrowings*) designam o mesmo que *loanwords*, optamos em manter o último termo, preservando a taxonomia original apresentada pelo autor, bem como vistos nos trabalhos sobre tipologia de empréstimos, tais como Haugen (1950), Weinreich (1956, apud ROMAINE, 1995) e Grosjean (1982).

Haspelmath (2009). Além disso, nossa literatura é composta por pesquisas com foco em contato linguístico, em empréstimos envolvendo línguas indígenas, no fenômeno do bilinguismo e em análise fonológica, vistas em BRAGGIO, 1997, 2010; BORGES, 1998; DAMULAKIS, 2010; GONÇALVES, 2007 e 2011; ROMAINE, 1995, entre outros. Os resultados do nosso trabalho foram feitos a partir da pesquisa de campo realizada em agosto de 2016 nas Terras Indígenas de Nonoai e Serrinha em RS. Apresentaremos ainda a análise dos dados em relação aos campos semânticos e a partir de uma distribuição geracional, trazendo à luz discussões a respeito dos efeitos dos empréstimos lexicais e das criações endógenas no léxico do Kaingang.

Capítulo 1: O povo Kaingang

1.1. Território e população

A língua Kaingang é falada nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e a Oeste de São Paulo. Segundo Rodrigues (1986), o Kaingang é umas das línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê, mais especificamente à família Jê, como visto no esquema ilustrado abaixo. Considerando a proposta feita pelo linguista de uma subdivisão em ramos para as línguas pertencentes à família Jê, o Kaingang integra-se mais estritamente ao Jê Meridional, assim como a língua Xoklêng.

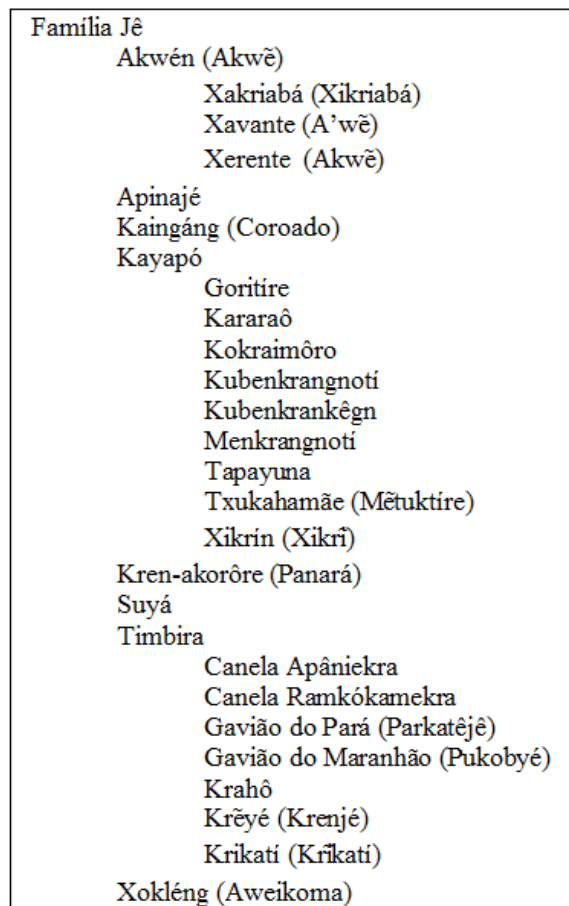


Figura 1: Família Jê (Rodrigues, 1986 apud DAMULAKIS, 2010)

O Kaingang é um dos maiores povos em tamanho populacional no Brasil, com cerca de 45.620 habitantes, de acordo com Siasi/Sesai (2014). Um grande destaque dado a essa língua é o fato de ser o terceiro maior povo indígena do território brasileiro.

Registros históricos apontam que o contato dos Kaingang com a sociedade envolvente (não indígena) teve início no final do século XVIII e efetivou-se em meados do

século XIX². Atualmente, os Kaingang vivem em mais de 30 (trinta) Terras Indígenas que representam uma pequena parcela de seus territórios tradicionais, em destaque no seguinte mapa³:

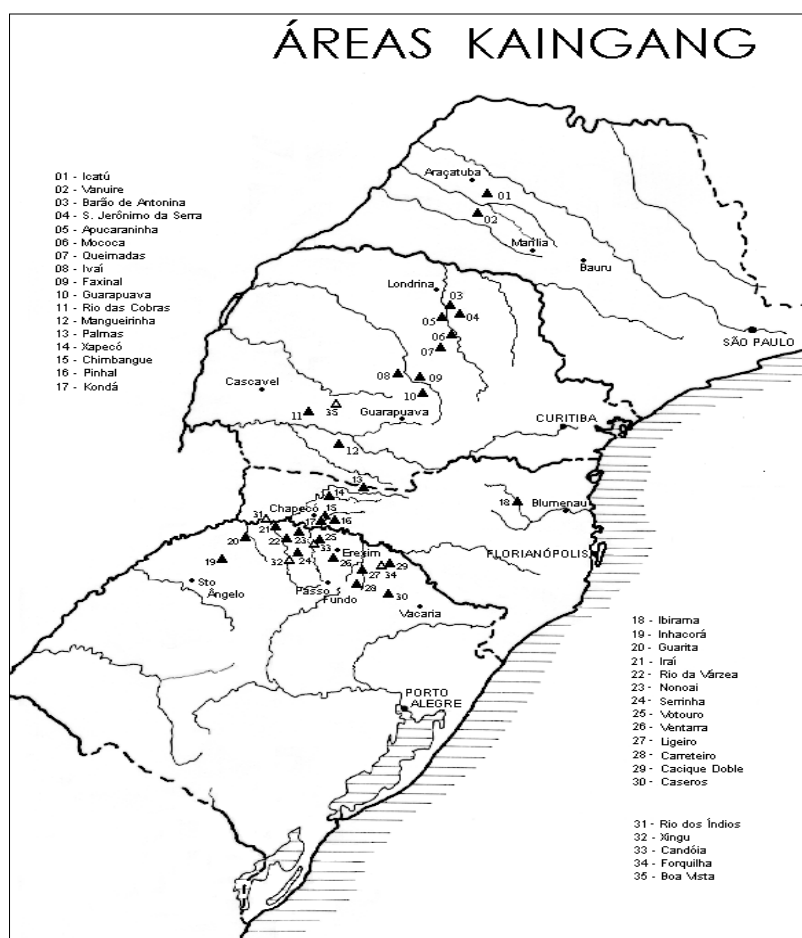


Figura 2: mapa das áreas Kaingang

1.2. Breves apontamentos sobre a cultura Kaingang

A organização social entre os Kaingang baseia-se nas metades exogâmicas denominadas Kamé e Kanhrú. Assim como outros povos Jê, as metades também estão relacionadas à nomenclatura e ao casamento. Outra característica importante sobre os Kaingang é o fato da “filiação a uma metade e seção é definida patrilateralmente”, ou seja,

² Informação disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>. Acesso em 11 de Outubro de 2017.

³ Mapa retirado do Portal Kaingang, disponível em http://www.portalkaingang.org/index_aldeia_mapa_geral_g.htm. Acesso em 11 de Outubro de 2017.

“os filhos, de ambos os sexos, pertencem à metade e seção de seu pai” (VEIGA, 2006: 81). Esse procedimento fundamenta uma continuidade que ao longo das gerações tem se estabelecido na sociedade Kaingang, a partir desse caráter patrilinear.

As metades clânicas Kamé e Kanhrú são “homônimas dos heróis míticos” (VEIGA, 2006: 81), expressos no mito de origem⁴ dos Kaingang. Esse dualismo é fundamental para compreender a cultura, a cosmologia, os valores sociais e estabelecimentos das regras de descendência e de casamento. As metades também constituem uma relação com os pontos cardeais e as pinturas corporais, sendo “os Kamé relacionados ao Oeste e à pintura facial com motivos compridos (*râ téi*) e os Kanhrú relacionados ao Leste e à pintura facial com motivos redondos (*râ rôr*)” (VEIGA, 2006: 80-81). No entanto, essa relação é muito mais presente na cerimônia do Kiki⁵ e nos enterramentos, não transparecendo na vida cotidiana entre os Kaingang.

A economia Kaingang é baseada na caça, na pesca, na coleta e na agricultura complementar. Segundo Veiga (2006: 46-50), em relação à coleta podem ser incluídas as de recursos alimentares, como de frutas silvestres; de erva mate, que é usada no preparo do *kógwuĩm* (o chimarrão); de verduras como o *fuá* (erva moura), entre outros. Além desses recursos, a coleta também incluía plantas medicinais e urtiga brava, muito importante para a confecção de suas grandes cobertas, denominadas de *kur* ou *kúru* (dependendo do dialeto Kaingang). Conforme a autora, a agricultura é o elemento básico da economia Kaingang. O artesanato Kaingang tem se tornado um instrumento de comercialização, adaptado às necessidades de venda e também um meio de afirmação da identidade étnica. Antes do contato com os não indígenas, o artesanato Kaingang era voltado para suprir as necessidades do grupo indígena nas suas atividades cotidianas (NÖTZOLD, SALVARO & MANFROI, 2006). As principais fabricações artesanais dos Kaingang são armas de guerra e de caça, tecidos de fibras de urtiga brava, cestos de taquara de vários tamanhos e formas para fins diversos, enfeites e adornos e utensílios de cerâmica.

⁴ Para mais informações a respeito da organização social e cultura Kaingang, ver os trabalhos dos antropólogos Nimuendajú (1913: 58-9) e Veiga (2006).

⁵ A cerimônia Kiki ou Kikikoi é um culto aos mortos. Segundo Veiga (2006: 179), a festa do Kiki parece ser uma oportunidade de os espíritos dos mortos poderem voltar à aldeia dos vivos. É um momento em que os vivos e os mortos estão festejando no mesmo espaço. Atualmente, esta cerimônia é realizada apenas por um pequeno grupo na Terra Indígena Xapecó (SC).

Capítulo 2: Alguns aspectos linguísticos e ortográficos do Kaingang

Assim como diversas línguas indígenas brasileiras, a escrita Kaingang não foi desenvolvida pelos próprios falantes. A linguista e missionária Ursula Wiesemann, do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), foi responsável pela definição da ortografia na língua. A autora descreveu o Kaingang e considerou a existência de cinco dialetos: do São Paulo, entre os rios Tietê e Paranapanema; do Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguazu; Dialeto Central, entre os rios Iguazu e Uruguai, Estado de Santa Catarina; Dialeto Sudoeste, ao sul do rio Uruguai e a oeste do rio Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul; e o Dialeto Sudeste, ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo. Em geral, as diferenças mais evidentes entre os dialetos são as fonológicas.

Segundo Wiesemann (1972, apud DAMULAKIS, 2010) o sistema fonológico do Kaingang dispõe de 14 (catorze) vogais, das quais 9 (nove) orais e 5 (cinco) nasais.

Quadro 1: 1a - Inventário consonantal (D'Angelis, 1972 apud DAMULAKIS, 2010)

	[-cont]				[+cont]		
[-soante]	p	t	k	ʔ	f	ʃ	h
[+soante]	m	n	ɲ	ŋ	r	j	w

Quadro 2: 1b - Correspondência ortográfica das consoantes (elaboração da autora)

	[-cont]				[+cont]		
[-soante]	< p >	< t >	< k >	< ' >	< f >	< s >	< h >
[+soante]	< m >	< n >	< nh >	< g >	< r >	< j >	< w >

Quadro 3: 2a - Segmentos vocálicos orais e nasais (GONÇALVES, 2011)

	- Posterior	+ Posterior			- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED			- ARRED	+ ARRED
+ alta	/i/	/i/	/u/		/ĩ/	/ĩ/	/ũ/
- alta - baixa	/e/	/ə/	/o/				
+ baixa	/e/	/a/	/ɔ/		/ẽ/	/ã/ ~ /õ/	

Quadro 4: 2b - Correspondência ortográfica das vogais (GONÇALVES, 2011)

	- Posterior	+ Posterior			- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED			- ARRED	+ ARRED
+ alta	<i>	<y>	<u>		<ĩ>	<ỹ>	<ũ>
- alta - baixa	<e>	<á>	<o>				
+ baixa	<é>	<a>	<ó>		<ẽ>		<ã>

Segundo Gonçalves (2011: 31-32), devido à ortografia unificada de Wiesemann (1972) baseando-se no dialeto paranaense de Rio das Cobras, a forma ortográfica <ã> corresponde à pronúncia que mais se aproxima de [ã] que é falada na região, enquanto que no Kaingang Sul (RS) há uma distinção na pronúncia, sendo mais comumente falado como [õ]. Assim, palavras como ‘kãvãru’ (“cavalo” em PB) podem ser pronunciadas como [kãwãru] ~ [kõwõru] em Kaingang, mostrando essa variação dialetal entre as vogais nasais [ã] ~ [õ]. Como nossa pesquisa é fundamentada no levantamento de dados em Terras Indígenas no RS, seguiremos a transcrição fonética de [õ] com sua representação grafemática em <ã>⁶.

Conforme Gonçalves (2011: 29), a língua Kaingang apresenta um padrão acentual predizível, em que as palavras são oxítonas. Em relação ao padrão silábico do Kaingang “podem ser resumidos a C(C)V(C), sendo que Cs entre parênteses representam aí consoantes opcionais. Todas as consoantes e semivogais podem aparecer como *onsets*” (WETZELS, 1995: 269). Só podem ocorrer como *onsets* complexos as sequências

⁶ Mais discussões a respeito da ortografia Kaingang, ver D’Angelis (2007), em que o autor problematiza a análise ortográfica de Wiesemann com relação ao sistema vocálico da língua.

consonantais /mr/, /pr/, /ŋr/, /kr/. Somente as soantes, ou seja, [j, w, r] e as consoantes nasais [m, n, ɲ, ŋ], podem ocorrer ao final da palavra. Resumindo essas características do padrão de estrutura silábica é visto a seguir:

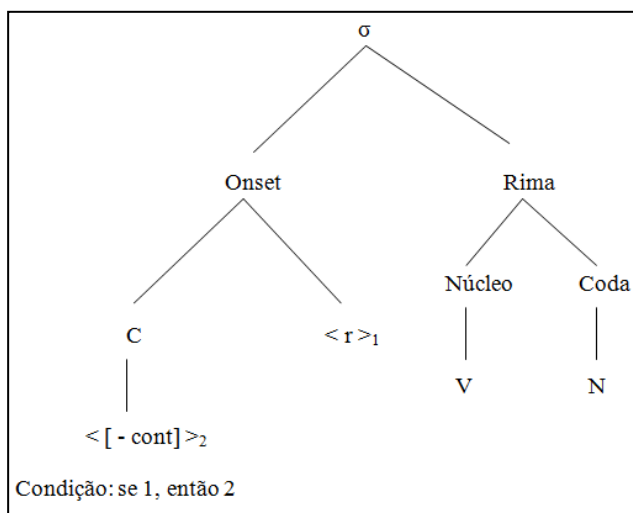


Figura 3: expansão máxima da sílaba em Kaingang em Wetzels (1995: 270)⁷

Os itens lexicais⁸ abaixo ilustram o comportamento da língua em relação aos seus padrões silábicos.

(V) - ex: ã.pỹ “roça”;

(VC) - ex: ãn “casa”;

(CV) – ex: ka “árvore”;

(CCV) – ex: mro “banho”

(CVC) – ex: téj “comprido”

(CCVC) – ex: krĩg “estrela”.

O Kaingang é uma das raras línguas que têm contornos nasais, que pode ser definido como um contorno desnasalizado das consoantes nasais diante de vogais orais, ocorrendo assim na seguinte maneira: [m] → [mb]; [n] → [nd]; [ɲ] → [ɲɲ]; [ŋ]→[ŋg]. Na língua ocorrem contornos nasais com pré-, pós e médio-oralizadas.⁹

Em relação ao nível morfossintático, segundo Tabosa & Santos (2013: 296), o Kaingang é uma língua posposicional, sendo assim, “o marcador de sujeito segue o núcleo do sintagma nominal”. A ordem oracional básica na língua é Sujeito – Objeto – Verbo

⁷ Em relação à condição apresentada no esquema, Wetzels (1995: 270) explica que “/r/ pode opcionalmente ocorrer como o segundo elemento do onset. Além disso, somente oclusivas não-coronais, quer orais ou nasais, podem-se combinar com /r/ para formar um onset complexo”. Também vale ressaltar que todas as soantes podem ocupar a posição de coda, dependendo do dialeto Kaingang.

⁸ Exemplos retirados do trabalho de Gonçalves (2007) com o Kaingang do RS.

⁹ Para mais informações a respeito dos contornos silábicos, ver Wetzels (1995), D’Angelis (1998) e Damulakis (2010).

(SOV), geralmente com o sujeito sendo marcado morfologicamente. Assim como os autores apontam, essa ordem ocorre, preferencialmente, quando o sujeito é nominal.

Exemplo:

S O V
[gã̃r vỹ] [ẽmĩ] [kó].
Menino bolo comer
“O menino comeu bolo.”

(TABOSA & SANTOS, p. 296)

Outra ordem básica é OVS, quando o sujeito é pronominal. Segundo Abreu (2009, apud TABOSA & SANTOS, 2013), “quando ocorre nessa ordem, o sujeito não recebe marca morfológica como acontece com o sujeito nominal”. Exemplo:

O V S
[gã̃r] [tu] [ti].
milho carregar P3P
“Ele carregou milho.”

(ABREU: 2009, p. 39, apud TABOSA & SANTOS: 2013, p. 297)

Outra característica na língua Kaingang é a ocorrência de um dos substantivadores <ja> ou <jafã> (trad. lit. “coisa com que se faz” ou “coisa para fazer”) “que terminam construções ergativas absolutivas e as transformam em substantivos” (WIESEMANN, 2002: 162). Optamos pelo uso do termo “nominalizador” (NMZ), ao invés de “substantivizador”, como proposto por Wiesemann. Em nossa pesquisa foram encontradas variações desses nominalizadores entre fã ~ fẽ. O nominalizador é um morfema bastante recorrente nas ocorrências das criações endógenas na subclassificação de criação potencial gramatical, como veremos adiante.

Capítulo 3: Metodologia e coleta de dados

Nossa pesquisa de campo foi realizada nas Terras Indígenas (TIs) de Nonoai e de Serrinha que estão localizadas no Rio Grande do Sul (RS). Estudos mais recentes sobre a população Kaingang revelam 2.100 habitam em Nonoai, enquanto que 2.000 habitam em Serrinha¹⁰. Assim como os casos relacionados à demarcação de terra para os povos indígenas brasileiros, as áreas demarcadas para a população Kaingang apresentam uma redução significativa, sendo ocupadas muitas vezes por não indígenas.

TI Nonoai	TI Serrinha
Área original: entre os rios Uruguai, Passo Fundo e Rio da Várzea.	Área original: 11.950 hectares administrativamente, as terras.
Demarcada em 1911: 34.907,6 hectares.	Redemarcação: no final da década de 1990 os índios conseguem reaver,
Área atual: 19.830 hectares	Área atual: 11.752 hectares

Tabela 1: Informações gerais das TIs de Nonoai e Serrinha

Coletamos os dados nessas TIs durante uma pesquisa de campo em agosto de 2016. O levantamento de dados, primeiramente, foi feito a partir da tarefa de eliciação em que solicitávamos aos informantes bilíngues que nomeassem em Kaingang o que visualizava nas imagens, apresentadas em *slides*. As nomeações foram respondidas oralmente e gravadas.

O segundo estágio dessa coleta constituiu da transcrição ortográfica dos dados, com o auxílio de dois professores bilíngues, apoiando-se na ortografia vigente do Kaingang (ver Wiesemann, 2002). Após essa etapa, foram catalogadas inovações lexicais observadas na língua Kaingang. Por exemplo, itens respondidos em Kaingang como ‘kãvãru’ [kãwã¹ru], ‘aroj’ [a¹roj] e ‘padre’ [pa¹dri], devido aos níveis de adaptações fonético-fonológicos que podem ou não ocorrer nesses casos, classificamos como *loanwords* do PB. Outras ocorrências, como ‘goj kron fã’ (trad. lit.¹¹ ‘algo feito para beber água’ ou “bebedor” de água), criado para designar o elemento nomeado, em PB, de ‘bebedouro’, foram classificados como criações endógenas (DAMULAKIS & SILVA, 2017). Estamos utilizando essa denominação para as construções de novos itens

¹⁰ Informações retiradas do site “Portal Kaingang”, organizado por Wilmar D’Angelis e Juracilda Veiga. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/index_aldeia_principal_1.htm.

¹¹ Tradução literal.

lexicais em que o referente é emprestado culturalmente, mas não há pressões linguísticas da LD sobre a LR para as criações. Ou seja, as criações endógenas são feitas a partir de recursos linguísticos da própria LR.

Para a construção da lista de palavras para a eliciação, baseamo-nos nos campos semânticos presentes nos trabalhos de Haspelmath (2009) e de Mesquita (2009). Ambos os autores propõem uma lista de itens lexicais distribuídos em mais de dez campos semânticos para a criação de um banco de dados. Elencamos os campos semânticos mais presentes nos dois estudos citados. A seleção dos itens foi baseada nos exemplos apresentados por Mesquita (2009), pois, acreditávamos que trariam resultados relevantes a nossa pesquisa, uma vez que o estudo do autor envolve uma análise tipológica de empréstimos do PB ao Xerente, língua indígena da família Jê, como o Kaingang. Assim, em nossa pesquisa utilizamos nove campos, como apresentado a seguir, sendo selecionados 95 itens lexicais.

Campo semântico	Número de palavras
Animais	10
Casa	14
Comida e bebida	10
Escola	18
Ferramentas	6
Religião e crença	5
Transportes	7
Utensílios	8
Vestuários, higiene e acessórios	17
Total	95

Tabela 2: Total de itens lexicais eliciados por campo semântico

Como destacado no trabalho anterior em Damulakis & Silva (2017), os itens eliciados são, sobretudo, nomes. Essa predominância de nomes se dá por uma questão prática e uma teórica. A razão prática deriva da maior facilidade em nomear referentes do que nomear ações em figuras, por exemplo. A questão teórica é o fato de haver uma incidência muito maior de empréstimos em nomes que em verbos, por exemplo. Essa maior probabilidade de empréstimos em nomes que em verbos é translinguisticamente atestada¹².

Privilegiamos itens lexicais nos quais acreditávamos que fossem mais suscetíveis a ocorrências de empréstimos do PB ao léxico Kaingang, visando

¹² Ver Myers-Scotton (2002) e Van Hout & Muysken (1994).

adaptações fonológicas, como também escolhemos nomes que designassem elementos originados pela cultura externa. Vale ressaltar que os empréstimos linguísticos foram o fenômeno inicialmente investigado, surgindo a partir das eliciações as criações endógenas, compondo então os dois processos de inovação lexical em análise. Ainda como parte metodológica, dividimos os informantes por sexo e três faixas etárias.

Faixa Etária	Total
Até 15 (+jovens)	5
16 – 45 (+/- jovens)	4
Acima de 46 (+ velhos)	5
Total	14

Tabela 3: Total de falantes por faixa etária

Nós utilizamos o estudo em tempo aparente de base sociolinguística variacionista (LABOV, 1994) para verificar se o dialeto Kaingang falado nas TIs observadas pode estar em uma situação de mudança em curso, analisando a distribuição das variantes de acordo com a faixa etária. Com esse levantamento das variações por faixa etária podemos postular que, se a forma considerada inovadora for mais frequente entre os mais jovens, essa forma poderá, em breve, substituir a forma preferida pelos mais velhos.

Capítulo 4: Contato entre línguas

Segundo Thomason (2001: 8325), as línguas estão em contato desde que as populações começaram a se espalhar para novos territórios e se dividiram em subgrupos independentes. A autora acrescenta que nenhuma comunidade no mundo atual está tão isolada que a sua língua permanece de forma intocada por influência externa, durante um longo período de tempo; provavelmente nenhuma língua foi tão isolada em qualquer momento nos últimos milhares de anos¹³. Nessa perspectiva, Thomason (2001: 8325) define o contato linguístico como qualquer situação em que falantes de duas ou mais línguas se comunicam entre si – geralmente pela oralidade, mas às vezes por escrito (incluindo *e-mail*)¹⁴. Por essa razão, processos relacionados às línguas em contato estão frequentemente presentes em comunidades que vivem em contextos bilíngues ou multilíngues, trazendo à tona diversos fenômenos que envolvem os sistemas linguísticos observados. Conforme Romaine (1995: 51), alguns fenômenos que são comumente descritos e debatidos que configuram essa área de estudo são os empréstimos, a transferência, convergência e *code-switching*.

As pesquisas baseadas no contato entre falantes de línguas e culturas distintas podem fazer emergir reflexões acerca das situações linguísticas de determinadas comunidades, contribuindo para a documentação e manutenção das línguas em geral. Além disso, esses estudos podem revelar aspectos cientificamente relevantes, como, entre outras questões, de que maneira se dão, nesse contexto, o comportamento linguístico dos falantes, a aquisição, a variação e a mudança linguísticas. Segundo Mesquita (2009: 39), “quando o contato se dá entre povos com poderes políticos desiguais, também às línguas é atribuído um valor histórico, ideológico e político diferenciado”. Pensando no contexto brasileiro, o Português é a língua oficial do Estado e de maior prestígio como língua “majoritária”, contrapondo-se às línguas indígenas, que não possuem um prestígio socioeconômico nem político. Nesse sentido, conforme Mesquita (2009: 40), “as atitudes e usos linguísticos dos falantes em relação às línguas que usam no seu cotidiano, em contexto de contato assimétrico, são de fundamental importância para a vitalização da língua minoritária”.

¹³ Thomason (2001: 8325): Languages have been in contact ever since human populations began spreading out into new territories and splitting into independent subgroups. No community in today's world is so isolated that its language remains untouched by outside influence over a long period of time; probably no language has been so isolated at any time in the last several thousand years.

¹⁴ Thomason (2001: 8325): language contact is any situation in which speakers of two or more languages communicate with each other — usually in person, but sometimes in writing (including email).

Em relação ao estudo dos empréstimos, quando observados em comunidades bilíngues, por exemplo, podem trazer subsídios para investigar a situação estabelecida entre os elementos que podem ser transferidos de um sistema para outro. Para Borges (1998: 138), em relações linguísticas de *status* desigual, os empréstimos costumam ocorrer da língua de maior para as de menor influência, concentrando-se especialmente no nível lexical, em que a língua prestigiosa exerce maior domínio.

O Kaingang enquadra-se nesse contexto, em decorrência do qual grande parte da população possui um alto grau de bilinguismo e, muitas vezes, torna-se monolíngue em PB. Um dos fatores que contribuem para essa situação é o contato intenso e conflituoso com a sociedade não indígena, fazendo com que a comunidade indígena sofra pressões sociais externas que refletem na própria língua, como podemos notar com a entrada expressiva de empréstimos advindos do PB. Em contrapartida, a adoção das criações endógenas pode constituir uma reação, consciente ou inconsciente, a esse processo de proliferação de empréstimos do PB.

Capítulo 5: Descrição e análise das inovações lexicais no Kaingang

Apresentaremos uma análise e descrição dos dois processos de inovações lexicais encontrados na língua Kaingang, que foram: a) os *loanwords* adaptados e *loanwords* não adaptados e b) as criações endógenas.

5.1. Taxonomia dos *loanwords*

Segundo Myers-Scotton (2005: 209), nos estágios iniciais de contato regular entre comunidades de fala com línguas distintas, provavelmente ocorrem uma incorporação de algumas palavras da sua língua para outra, na busca de se referir e nomear novos elementos, atividades ou conceitos que uma delas possuiu. Esse caso é o que caracteriza o fenômeno dos *loanwords* ou empréstimos lexicais (*lexical borrowings*) que, assim como a autora reforça, o termo ‘lexical’ é utilizado para palavras de conteúdo, como os nomes e os verbos. Conforme a autora (2005: 209 - 210), a chave para entender este fenômeno é o fato de a troca linguística ser geralmente unilateral, em que muitas das vezes a língua menos prestigiada é a que incorpora os itens lexicais da outra de maior prestígio.

Para Haspelmath (2009: 35), há dois tipos básicos de empréstimos: o empréstimo material e o estrutural. No caso do empréstimo material, o autor considera que ocorre quando “[h]á casos de empréstimos (passagens) culturalmente motivadas, nos quais a importação cultural é acompanhada de uma importação lexical (...)”. Já em relação ao empréstimo estrutural, apesar de não haver pareamento sonoro entre os itens lexicais na LR e na LD, há, na nomeação, a consideração de elementos morfológicos, sintáticos ou semânticos advindos da LD. Isso mostra que “nos dois casos, portanto, haveria pressão da língua doadora (léxico, morfologia, sintaxe ou semântica) na língua que está adotando o novo item” (DAMULAKIS & SILVA, 2017). O *loanword* é um tipo de empréstimo material apresentado pelo autor, do qual encontramos dados no Kaingang e que traduzimos aqui como empréstimos lexicais.

Ainda conforme Haspelmath (2009: 58), os *loanwords* são palavras que em algum ponto da história da língua foram incorporadas ao seu léxico como resultado de empréstimo (transferência, cópia) de item lexical de outra língua, ou seja, equivale à incorporação de elementos lexicais de outra língua. Mesquita (2009) e Santos (2014) dividem essa classificação em duas modalidades de empréstimos, como adaptados e não

adaptados¹⁵. Em nosso trabalho, esses dois casos são subclassificações dos *loanwords*, uma vez que eles apresentam uma relação de oposição em vista do comportamento fonológico do empréstimo, pois, enquanto no primeiro ocorrem adaptações linguísticas (fonético-fonológicas) na LR durante a incorporação de um item advindo da LD, no segundo caso o item não sofre nenhuma adaptação desse tipo.

5.1.1 *Loanwords* adaptados

Como apontamos em trabalho anterior (DAMULAKIS & SILVA, 2017), devido às naturezas de adaptações fonológicas distintas que foram observadas no Kaingang, foi feita uma subdivisão dos *loanwords* em dois níveis de adaptação. O primeiro nível corresponde às adaptações de substituição dos segmentos da LD para a LR, enquanto que o segundo nível está relacionado às adaptações que envolvem restrições (concernentes à boa formação silábica, por exemplo).

- **Adaptados de primeiro nível**

	Kaingang	Português
➤ [l] → [r]:	(1) mosi[r]a	‘mochila’
	(2) a[r]unu	‘aluno’
	(3) marte[r]o	‘martelo’
	(4) [r]ikate	‘alicate’
➤ [s], [z] → [ʃ]:	(5) kār[ʃ]a	‘calça’
	(6) kāmi[ʃ]a	‘camisa’
	(7) ba[ʃ]ora	‘vassoura’
➤ [ʎ] → [j]:	(8) espe[j]o ¹⁶	‘espelho’
➤ [s], [z] → [j]	(9) parafu[j]o	‘parafuso’
	(10) aro[j] ¹⁷	‘arroz’

¹⁵ O que estamos classificando como ‘*loanwords* não adaptados’ corresponde ao que Mesquita (2009) e Santos (2014) denominam como ‘empréstimos diretos’.

¹⁶ Acreditamos que esse tipo de realização fonética pode advir do PB falado no entorno dos Kaingang.

- **Adaptados de segundo nível**

Kaingang	Português
(11) [por ^h ko]	‘porco’
(12) pãnder [pa ⁿ der]	‘padre’

Os adaptados de primeiro nível caracterizam o que Grosjean (1982: 314) afirma que “the main process in phonological adaptation is substitution of base language phonemes for the phonemes in the original word”¹⁸. Nos exemplos apresentados nos adaptados de segundo nível, duas questões devem ser ressaltadas. A primeira é o fato de que nos dois casos (11) e (12) observamos que houve uma mudança no acento, tornando as palavras emprestadas oxítonas, o que é uma adaptação explicável devido ao fato de que esse é o padrão acentual na língua Kaingang, como lembra Gonçalves (2011). A segunda questão é a acomodação fonológica de ‘pãnder’ ao padrão silábico de Kaingang através da nasalização da vogal <a> e troca de posição dos segmentos [ɛ] e [r], evitando assim a sequência consonantal tautossilábico [dr], que não ocorre na língua (WETZELS, 1995) e em outras línguas da família Jê (DAMULAKIS, 2010).

5.1.2 *Loanwords* não adaptados

Os *loanwords* não adaptados ocorrem quando uma palavra pertencente à LD se torna parte do léxico da LR sem apresentar alterações linguísticas. De forma mais detalhada, Braggio (2011: 96) explica que esse caso acontece “quando o falante adquiriu a língua na infância, simultaneamente ou sucessivamente, portanto com proficiência nas duas línguas”. Esse subtipo de *loanword* foi bastante frequente na coleta de dados, sobretudo nos dados dos falantes mais jovens (até os 15 anos), como vistos nos exemplos a seguir:

Kaingang	Português
(13) [s]or[v]ete	‘sorvete’

¹⁷ Conferir nota anterior.

¹⁸ “O principal processo na adaptação fonológica é a substituição de fonemas de língua base para os fonemas na palavra original” (tradução nossa).

(14) [s]er[v]e[ʒ]a	‘cerveja’
(15) [ʒ]is	‘giz’
(16) esto[ʒ]o	‘estojo’
(17) qua[dr]o	‘quadro’
(18) pa[dr]e	‘padre’
(19) bi[s]i[kl]eta	‘bicicleta’
(20) a[v]ião	‘avião’
(21) fo[ʎ]a	‘folha de ofício’
(22)re[fr]i	‘refrigerante’

Os exemplos anteriormente apresentados destacam os segmentos e padrões silábicos exógenos, que não passaram por adaptação na língua Kaingang. Também foram encontrados dados em que os segmentos pertencentes ao PB são compatíveis ao inventário fonológico do Kaingang, mas a importação é direta, como em (23) ‘kopo’, (24) ‘kaneta’, (25) ‘monh’ [‘boi]. Como uma das causas da inserção de empréstimos não adaptados, Santos (2014: 113-114), em seu trabalho com a língua Krahô, aponta:

a acelerada velocidade com que esses empréstimos entram no contexto comunicacional dos Krahô é uma das causas que não propicia a reorganização ou mesmo modificação de sentido dos termos já existentes para comunicarem a novidade originária do português.

Outra causa apresentada pela autora é o fato de que muitas vezes são identificadas a inexistência de uma ideia ou conceito possível de associar à palavra nova no Krahô, favorecendo assim a imediata inserção de *loanwords* não adaptados no sistema linguístico indígena.

5.2. Criações endógenas

A criação endógena (SILVA & DAMULAKIS, 2017) é um tipo de processo de inovação lexical que ignora as pressões dos padrões léxico-semânticos e gramaticais do PB¹⁹. Denominamos esse processo de criação lexical com base no que Ullmann (1977) descreve como uma “forma de uma nova palavra a partir de elementos existentes” e uma mudança no “significado de uma palavra”, levando em consideração que é impulsionada pela necessidade de expandir o léxico devido à pressão de contato entre as línguas e culturas envolvidas.

Mesquita (2009) e Santos (2014) descrevem as criações lexicais nas línguas indígenas estudadas como pertencentes à análise tipológica de empréstimos decorrentes do contato com o PB, denominando como empréstimos de criação ou de conteúdo semântico. Em nossa pesquisa estamos considerando que a criação endógena é um processo distinto dos empréstimos pelo fato de não haver pressão entre as línguas, não sendo assim nem uma transferência, nem cópia ou adoção de uma LD para LR, uma vez que é mobilizada somente recursos linguísticos da língua receptora para a construção de novos itens lexicais para nomear um novo elemento.

Sendo assim, nas seções seguintes serão apresentadas os três tipos criações endógenas encontrados durante a coleta de dados na língua Kaingang, que são: criação por potencial gramatical, criação por metáfora e criação por expansão semântica.

5.2.1. Criação por potencial gramatical

Nesse tipo, são utilizados recursos morfológicos e sintáticos da língua Kaingang para nomear um termo referente. O nominalizador (NMZ) *fã* foi muito utilizado nesta modalidade.

¹⁹Silva & Damulakis (2017, p. 18): Endogenous creation is a kind of lexical innovation process that ignores structural elements of the donor language or society. This is what Ullmann describes as a “form[ation of] a new word from existing elements” and a “change [in] the meaning of a word,” driven by the need to expand the lexicon due to contact pressure. However, as we shall see below, this kind of lexical innovation disregards the lexicon-semantical and grammatical patterns of the surrounding society's language.

Kaingang	Português
(26) goj kron fã água + beber +NMZ (trad. lit. ‘bebedor’ de água)	‘bebedouro’
(27) jěnký kusũg fã boca + avermelhar + NMZ (trad. lit. ‘avermelhador’ de boca)	‘batom’
(28) věnh rán kukũj fã escrever + apagar/limpar + NMZ (trad. lit. algo feito para limpar/apagar alguma que escreve)	‘apagador’ ou ‘borracha’

Os exemplos apresentados anteriormente obtiveram alto índice de ocorrência atestada entre os 14 participantes, havendo poucas variações em relação ao nominalizador (fã ~ jafã ~ fě) em alguns casos, como para ‘goj kron fã’.

5.2.2. Outros tipos de criação endógena

Muitas vezes a necessidade de criar um novo termo é descrita através da funcionalidade do referente, por exemplo, “the ones formed from changing (or, more precisely, expanding) of the meaning depend on how the new referente can be interpreted in this language and culture, normally on a metonymic basis”²⁰ (SILVA & DAMULAKIS, 2017: 18). Em trabalho anterior (cf. Damulakis & Silva, 2017), foram encontrados exemplos para criações por metáfora e por expansão semântica, definidos mais detalhadamente no que segue adiante.

- **Criação por metáfora:** ocorre quando são criadas novas palavras a partir de itens lexicais já existentes na língua, por um processo de analogia entre o item nomeado e a formação.

²⁰“aqueles formados pela mudança (ou, mais precisamente, pela expansão) do significado que dependem de como o novo referente pode ser interpretado nesta língua e cultura, normalmente em uma base metonímica” (tradução nossa).

Kaingang**Português**

(29) kamĩjũ pãn 'pneu'

(trad. lit.: 'pé do carro')

- **Criação por expansão semântica:** esse tipo de criação é por processo de metonímia interna à língua 'receptora', ocorrendo quando um item já existente na língua abarca mais de um significado, também nomeando o item de nova indicação.

Kaingang**Português**

(30) pénky 'prato'

('tigela', 'bacia', 'vasilha')

Como vimos anteriormente, apenas dois dados foram encontrados: um para criação por metáfora e um para criação por expansão semântica. Em trabalhos futuros, pretendemos ampliar a coleta de dados com o intuito de verificar se existem mais casos que abarcam essas classificações propostas.

Capítulo 6: Análise quantitativa dos dados

Levando em consideração a análise de dados dos tipos de *loanwords* e de criações endógenas apresentados anteriormente, o gráfico abaixo busca resumir a tipologia dessas inovações lexicais através da distribuição geracional em três faixas etárias.

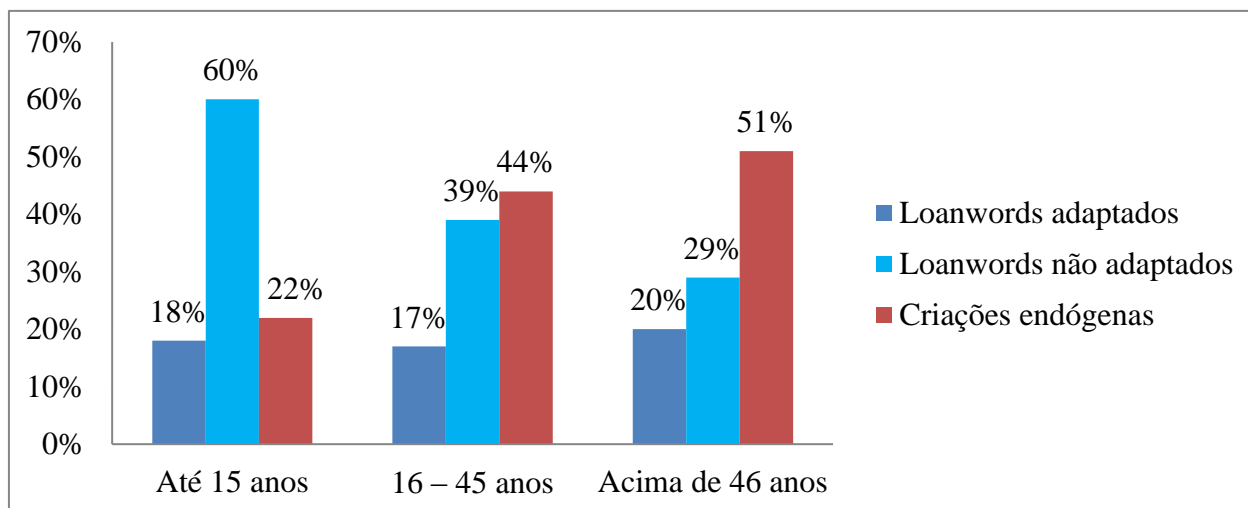


Gráfico 1: resultado preliminar da tipologia de inovações lexicais no Kaingang

Podemos constatar que os *loanwords* não adaptados são os mais recorrentes, sobretudo, entre os mais jovens, em contrapartida as criações endógenas ocorrem com maior frequência entre os mais velhos. Os *loanwords* adaptados apresentam uma estabilidade entre as três faixas etárias. Os mesmos resultados podem ser vistos tomando como foco cada um dos campos semânticos elencados para a nossa pesquisa.

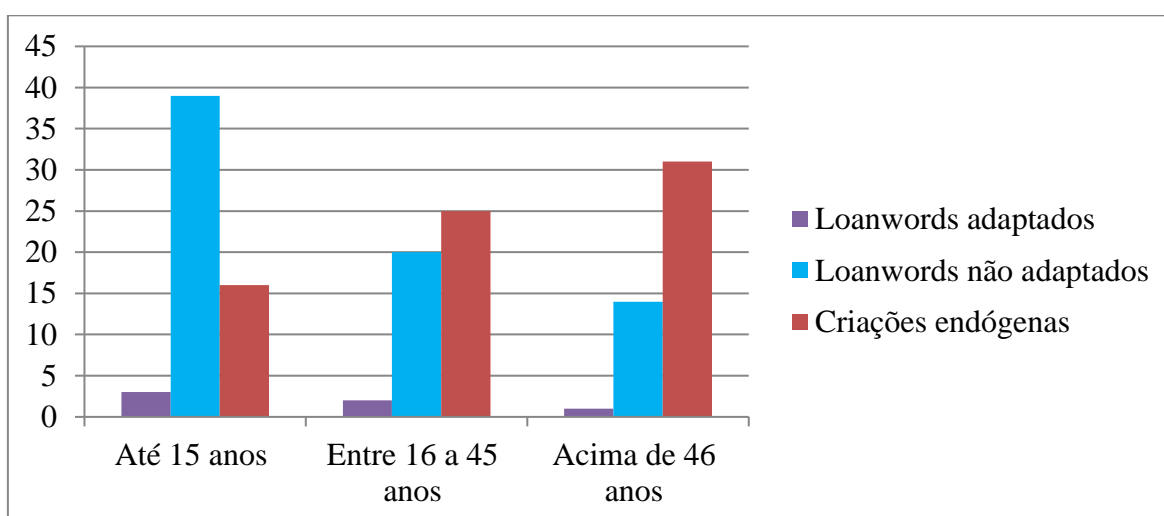


Gráfico 2: campo semântico de “Casa”

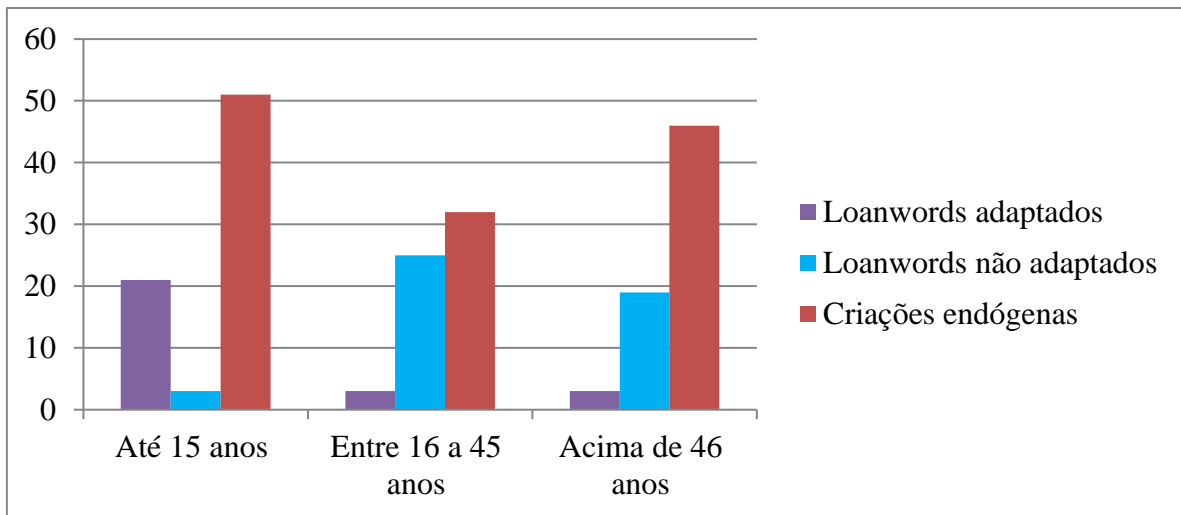


Gráfico 3: campo semântico de “Escola”

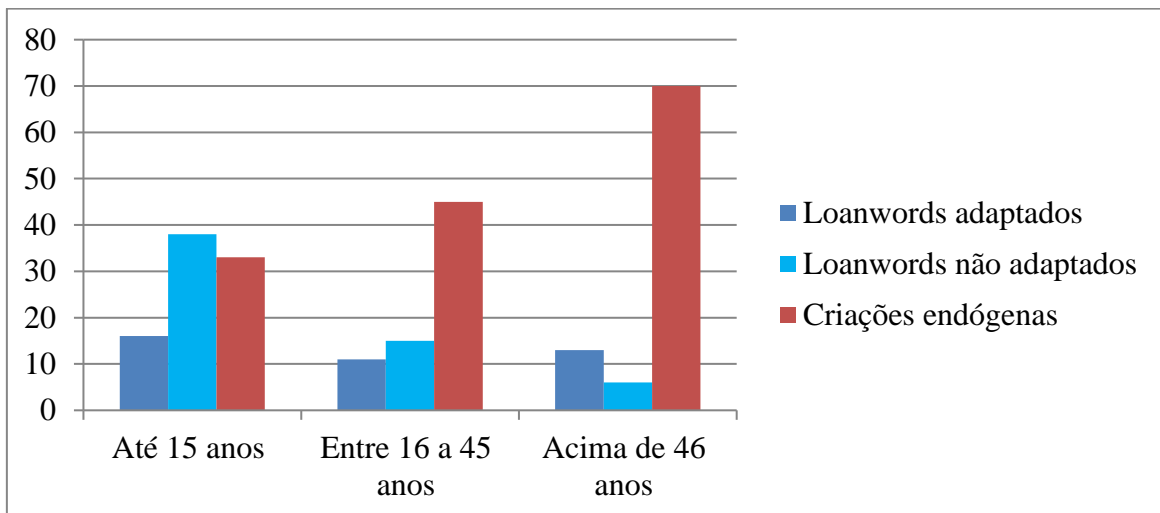


Gráfico 4: campo semântico de “Vestuários, higiene e acessórios”

Para este estudo, selecionamos três campos semânticos que obtiveram maior número de itens lexicais analisados. Pretendemos refinar os dados dos outros campos, bem como ampliar a coleta de dados, para chegarmos a resultados mais contundentes sobre a tipologia observada, em cada um dos campos semânticos estudados.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos descrever e analisar tipologicamente os *loanwords* e as criações endógenas, dois processos de inovações lexicais observados no Kaingang, decorrente do contato com o PB. Diferentemente dos trabalhos de Mesquita (2009) e Santos (2014) que se propõem a verificar se, respectivamente, as línguas Xerente e Krahô estão em um estágio de obsolescência ou de manutenção, consideramos que nossa pesquisa ainda é incipiente para afirmar os efeitos que esses tipos de inovações estão tendo ao serem inseridos ao léxico do Kaingang.

Contudo, os resultados preliminares apontam que os *loanwords* não adaptados estão cada vez mais recorrentes entre os Kaingang mais jovens. É possível sugerir que o contato com outra cultura, de falantes de PB, como a presença da religião cristã e de missionários na região, pode contribuir para proporcionar a massiva inserção dos empréstimos no Kaingang, no que corresponde aos dados coletados nas Tis analisadas.

As criações endógenas apresentam resultados expressivos entre os +/- jovens (44%) e, sobretudo, entre os mais velhos (51%). Houve uma baixa ocorrência de *loanwords* adaptados, com cerca de 17% a 20%. Em contrapartida, os *loanwords* não adaptados alcançaram o ponto mais elevado na análise dos dados em relação às faixas etárias, apresentando 60% de frequência entre os mais jovens.

Em relação aos campos semânticos, podemos constatar que ocorrem de forma mais expressiva um dos processos, dependendo do campo. Por exemplo, no campo “Casa”, como o resultado aponta nos dados analisados, os mais jovens utilizam mais *loanwords* não adaptados, enquanto que os mais velhos utilizam, mais frequentemente, as criações endógenas. Já no campo “Escola”, as criações endógenas são mais relevantes e há uma quantidade expressiva de *loanwords* adaptados entre os mais jovens. No caso do campo “Vestuário, higiene e acessórios”, há um certo equilíbrio dos processos analisados entre os mais jovens da primeira faixa etária, bem diferente ao que ocorrem com as outras faixas etárias em que há uma predominância das criações endógenas.

Diante desse quadro, pretendemos dar continuidade à pesquisa buscando verificar os graus de proficiência dos falantes bilíngues, bem como ampliar o número de itens lexicais, de participantes e de campos semânticos, com o intuito de refinar a coleta

de dados e analisar se existem mais casos que abarcam as inovações lexicais estudadas na língua Kaingang.

Referências

BRAGGIO, S. L. B. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Abralin – Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. N. 20, jan. p. 139-172. 1997.

_____. Reflexões sobre os empréstimos do tipo loanblend e não adaptado na língua Xerente-Akwén. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 18, p. 87-100, 2010.

BORGES, M. V. Empréstimo como mecanismo de ampliação lexical. In: *Revista do Museu Antropológico*. V. 2n. 1. p. jan./dez. UFG. 1998

CARVALHO, N. *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

DAMULAKIS, G. N. *Fonologias de línguas Macro-Jê: uma análise comparativa via Teoria da Otimalidade*. Orientadora: Profa. Dra. Marília Lopes da Costa Facó Soares. [Tese de Doutorado em Linguística]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

DAMULAKIS, G. N. & SILVA, F. A. da. Notas sobre empréstimos linguísticos do PB no Kaingáng. *VIII Encontro Macro-Jê*. UEL: Londrina. (no prelo)

D'ANGELIS, W. R. Unificação x Diversificação Ortográfica: um dilema indígena ou de lingüistas?. In: Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suely Arruda Câmara Cabral. (Org.). *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*. 1ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. , p. 23-33, 2005.

_____. Sistema vocálico e escrita do Kaingáng. In: Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suely Arruda Câmara Cabral. (Org.). *Línguas e culturas Macro-Jê*. 1ª ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, v. único, p. 85-96, 2007.

GONÇALVES, S. A. Empréstimos linguísticos do Português no Kaingang do Rio Grande do sul. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. XXXVI, p. 258-267. 2007.

_____. *Tempo, aspecto e modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê)*. Orientador: Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas: Unicamp, 2011 (Tese de Doutorado).

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HASPELMATH, M. & TADMOR, U. *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton. 2009.

HAUGEN, E. The analysis of linguistic borrowing. In: *Language*. 26, 210–231, 1950.

MESQUITA, R. *Empréstimos Linguísticos do Português em Xerente-Akwe*. Orientadora: Profa. Dra. Silvia Lucia Bigonjal Braggio. (Dissertação). Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás. 2009.

MYERS-SCOTTON, C. *Multiple voices: An introduction to bilingualism*. Malden, MA: Blackwell, p. 208-231, 2006. Oxford: Oxford University Press, 2013.

RODRIGUES, A. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2ª Ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SANTOS, M. A. *Contato de línguas: atitudes dos Krahô em relação ao bilinguismo e os empréstimos linguísticos do português*. Orientador: Francisco Edviges Albuquerque. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Tocantins. Campus Universitário de Araguaína Programa de Pós-graduação em Letras, Araguaína, 2014.

SILVA, F. A. & DAMULAKIS, G. N.. Lexical Amplification in Kaingang Stimulated by Contact with Brazilian Portuguese. In: *Kawsaxkuna: The University of Toronto Journal of Latin American Studies*. 16 - 23. v. 1. 2017.

THOMASON, S. G. Language contact. *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, ed. By Neil J. Smelser and Paul B. Baltes, 8325-8329 (Pergamon), 2001.

ULLMANN, S. *Semantics: An Introduction to the Science of Meanings*. Oxford-Basil-Blackwell, Great Britain, p. 157-1580, 1977.

VAN HOUT, R. & MUYSKEN, P. Modelling lexical borrowability. In: *Language variation and change*. Cambridge, n. 6, p. 39-62, 1994.

VEIGA, J. *Aspectos Fundamentais da Cultura Kaingang*. 1. ed. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, v. 1, 2006.

WETZELS, W. L. *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, v. 1, 1995.

WIESEMANN, U. *Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng*. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics. 1972, reeditado em 2002.